Prelúdio 1

O ato analítico, ou para além do desejo do analista

O que nos ensina o confronto de *O ato psicanalítico*, *Seminário* de 1967-68, com "Posição do inconsciente", *Escrito* de 1964?

Uma primeira resposta nos é dada por Colette Soler em sua apresentação do tema desta Vª Convenção Europeia, quando ela evoca que o inconsciente não é uma noção, "o inconsciente é" ("Radiofonia", 1973), simplesmente *ex-siste* e se experimenta em ato, diferentemente do que lemos em "Posição do inconsciente", onde Lacan dedica alguns parágrafos a desdobrar o que é e o que não é o inconsciente, predicação do ser do inconsciente. Um passo, portanto, do ser à *ex-sistência*, que condiciona o desenvolvimento da noção de ato analítico – exposta ao longo dos *Seminários 14* e *15* e de seus respectivos *Resumos*.

Quais são as implicações e as consequências desse passo?

Do lado das implicações, destaca-se o recurso necessário à lógica e à topologia para poder formular um novo estatuto do objeto *a*, um estatuto de consistência lógica, que ultrapassa sua concepção de objeto causa de desejo e, por outro lado, o desprende de suas substâncias episódicas, ainda vigentes em "Posição do inconsciente".

Quanto às consequências, destacamos uma de peso, também assinalada por Colette Soler[1]. Trata-se do deslocamento, na direção do tratamento analítico, do desejo do analista para o ato analítico. O ato analítico permite a Lacan sair do impasse do desejo do analista, impasse porque – como todo desejo – não pode ser dito; ao contrário, o ato analítico se mede por suas consequências efetivas: há um antes e um depois, o ato muda o sujeito. Essa experiência requer uma determinada posição do analista no tratamento: "O psicanalista se faz do objeto *a*. Ele se faz, entenda-se: faz-se produzir; do objeto *a*: com o objeto a^2". Dessa perspectiva, o final da análise e a experiência do passe adquirem um interesse novo, impondo-se o exame da relação entre a travessia do fantasma e o ato analítico.

Por outro lado, quanto à clínica psicanalítica, não seria demais revisar as diferentes manifestações do ato no tratamento analítico: *acting out* e passagem ao ato, e estudar sua diferença em relação ao ato analítico, nem sempre fácil de precisar, em particular no caso do ato analítico de saída da análise e da passagem ao ato. Lacan estende, inclusive à sublimação, "fruto típico da situação analítica[3]", o alcance da repetição própria do ato, o que introduz ainda outra perspectiva de estudo.

Abrimos, portanto, aqui algumas vias de reflexão sobre as quais – além de outras que sem dúvida surgirão – gostaríamos de ouvir contribuições em nosso encontro de 2 a 4 de julho de 2027, em Paris; convidamos vocês, vivamente, a participar.

Ana Martínez

Barcelona, outubro de 2026

1 C. SOLER, *Ato analítico*, conferência proferida no Seminário Escola da EPFCL-FFCLE, 01/03/2024, vídeo disponível em www.ffcle.es

2 J. LACAN, "O ato psicanalítico", Resumo do seminário de 1967-1969, *Outros escritos*, Rio de Janeiro, Zahar, 2003, p. 375.

3 J. LACAN, *O seminário*, *Livro 14*, *A lógica do fantasma*, Rio de Janeiro, Zahar, 2024, p. 168.